

CHITTOLINA, Raphaela Machado Monteiro. Laços da pontuação: escritor e leitor em um mesmo sinal. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

LAÇOS DA PONTUAÇÃO: ESCRITOR E LEITOR EM UM MESMO SINAL

Punctuation bonds: writer and reader in the same sign

Raphaela Machado Monteiro Chittolina¹

raphaelamonteiro@hotmail.com

RESUMO: Este artigo trata dos sinais de pontuação. Primeiramente, parte-se de um olhar a partir da Gramática Normativa, que define o uso da pontuação sem muita reflexão sobre o assunto. Assim, o artigo busca criticar tal brevidade com que os sinais de pontuação são tratados pelos gramáticos da Língua Portuguesa. Isso exposto, parte-se para uma visão enunciativa do uso da pontuação na escrita, com base nas concepções de Émile Benveniste. É feita também a análise enunciativa de uma redação modelo ENEM. Por fim, conclui-se que, assim como escrever é enunciar-se e este é sempre um movimento singular, a pontuação também é sempre individual e reflete quem a utiliza.

PALAVRAS-CHAVE: Pontuação; Escrita; Enunciação; Gramática Normativa.

ABSTRACT: This article is about punctuation in writing. Starting from Normative Grammar that defines the use of punctuation without reflection about the subject, this article criticizes the brevity with which the punctuation is treated by the grammarians of Portuguese language. After that, this article works with an enunciative view of the use of punctuation in writing, based on Émile Benveniste. So, it is also made an enunciative analysis of an essay model ENEM. Finally, considering that just as writing is enunciating and this is always a singular movement, punctuation is also always individual and reflects who is punctuating too.

KEYWORDS: Punctuation; Writing; Enunciation; Normative Grammar.

INTRODUÇÃO

A pontuação é a música da língua. Assim como um maestro pode influenciar a apreciação de uma música ao manipular-lhe o ritmo, a pontuação pode influenciar a apreciação da leitura, trazer à tona o melhor (ou o pior) de um texto. Ao controlar a velocidade do texto, a pontuação indica como ele deve ser lido.

Noah Lukeman

As palavras que iniciam este artigo trazem um olhar ao ato da pontuação que beira o poético. Lukeman (2011)², em seu livro **A arte da pontuação**, reflete sobre os sinais de pontuação sem apresentar, para isso, um livro de gramática. O autor não mede esforços para associar o ato de pontuar a uma forma de arte que difere de um

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Noah Lukeman é um agente literário, ator, roteirista e autor de obras sobre literatura. Alguns de seus livros são amplamente utilizados em programas de escrita criativa.

contexto a outro e, principalmente, de um escritor a outro. Em contra partida, boa parte dos gramáticos normativos³ trata os sinais de pontuação como um tópico pouco reflexivo e com explicações, no mínimo, vagas.

Algumas dessas concepções serão ilustradas na próxima seção, mas quero esclarecer alguns pontos desde já: não parto da intenção de simplesmente criticar concepções gramaticais por si só; meu intuito é apresentar tais concepções para poder iniciar o assunto que define o propósito com o qual escrevo, ou seja, o tema da pontuação. Dito isso, o objetivo deste artigo se direciona na reflexão de que as concepções gramaticais exemplificadas aqui são apenas algumas das variadas possibilidades de interpretação que podem ser dedicadas aos sinais de pontuação. Pensar na pontuação como um exercício de ampla interpretação demanda que se considere a pontuação como uma marca de subjetividade daquele que pontua. E, ao associar o ato de pontuar como uma marca subjetiva, aproximo-a, então, da base enunciativa postulada pelo linguista Émile Benveniste.

1. OS NÓS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Começamos pelo que apresenta uma das principais obras dedicadas à Gramática: a **Gramática normativa da língua portuguesa**, de Rocha Lima (2001)⁴. Nessa bibliografia, a pontuação não chega a ser uma prática com definição específica; assim, Rocha Lima opta por dividir a pontuação em três pausas (2001: 458): “(1) que não quebra a continuidade do discurso (...); (2) que indica o término do discurso ou parte dele (...); (3) que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo (...)”. A primeira pausa se caracteriza por não quebrar a continuidade do discurso, indicando que tal discurso ainda não foi concluído. Aqui, o autor está se referindo ao uso da vírgula, travessão, ponto e vírgula, parênteses e dois pontos. A segunda pausa, a qual indica o término do discurso, é assinalada por um ponto simples como o ponto final. Por fim, a terceira pausa é marcada por reticências, ponto de exclamação ou de interrogação.

³ Quando falo de Gramática Normativa, falo da gramática que prescreve as normas gramaticais de uma língua, admitindo apenas uma forma correta e tratando as variações como erros gramaticais.

⁴ Carlos Henrique da Rocha Lima, conhecido como Rocha Lima, foi um professor, gramático, filólogo, ensaísta e linguista brasileiro, autor de inúmeras obras.

Os gramáticos Cunha e Cintra⁵ corroboram, na **Nova gramática do Português contemporâneo** (2007), que pontuar é um ato fônico e sintático, mas no qual predomina a questão fônica; logo, afirmam que os sinais indicam a pausa e a melodia ao mesmo tempo. Os autores associam a pontuação à representação da fala simplesmente (CUNHA E CINTRA, 2010: 105):

a língua escrita não dispõe dos inúmeros recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da pontuação.

É desse modo que Cunha e Cintra (2010) reduzem os sinais de pontuação a dois grupos a fim de “suprir” a falta de oralidade: um que define a pausa – a vírgula, o ponto e o ponto e vírgula; outro que define a melodia – os dois pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, as aspas, os parênteses, os colchetes e o travessão.

Já o professor Bechara⁶ menciona, na **Moderna gramática portuguesa** (2009), que as Gramáticas Normativas recomendam como se deve falar e escrever “segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos” (BECHARA, 2009: 52). De acordo com o autor, a pontuação é como um sistema de reforços da escrita “constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das artes do discurso e das pausas orais e escritas” (BECHARA, 2009: 604); portanto, conforme Bechara (2009), a função da pontuação é garantir, no texto escrito, a solidariedade sintática e semântica.

O também gramático Barbosa⁷ prioriza a sintaxe e enumera os sinais de pontuação. Na sua gramática, chamada **Grammatica philosophica da língua portuguesa** (1875), predominam os critérios sintáticos, os quais o autor divide em regras gerais e regras particulares: as regras gerais definem o emprego dos sinais considerando o enunciado como um todo; já as regras particulares consideram os pormenores desse emprego. Barbosa diz que a pontuação é (1875: 59):

⁵ Celso Cunha foi um importante professor, filólogo, gramático e ensaísta; Luís Filipe Lindley Cintra foi também um dos mais importantes filólogos e linguistas portugueses.

⁶ Evanildo Cavalcante Bechara é um professor, gramático e filólogo brasileiro. É membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra.

⁷ Jeronymo Soares Barbosa foi editor, comentador, pedagogo, filólogo e professor de Retórica e Poética do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, onde lecionou até 1790.

a arte de distinguir na escriptura, com certas notas, as diferentes partes e membros da oração, e a subordinação de uns e outros, a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores que deve fazer e o tom e inflexão da voz com que as deve pronunciar.

Uma pequena análise diante de tais gramáticas já é capaz de mostrar como a pontuação é, paradoxalmente, pouco explicada, mas já regida por normas fixas de uso – que muitas vezes sequer coincidem entre uma gramática e outra. De todo modo, a maioria dessas gramáticas aborda as definições dos diferentes sinais de pontuação de maneira sincrônica; portanto, trata-se de uma abordagem que deixa de lado o registro histórico de como já foram utilizados esses mesmos sinais em algum momento para abordar apenas quais utilizações estão sendo feitas agora.

Todavia, os sinais de pontuação já transitaram por diferentes lugares do texto bem como já foram utilizados de modo que hoje em dia pareceriam incompreensíveis. Segundo Catach (1996)⁸, o uso do ponto, que hoje é conhecido como o “ponto final” de uma frase, poderia, antigamente, ser utilizado antes do nome de um herói ou de algum outro personagem importante, na época da Idade Média, para demonstrar respeito.

Nessa direção, a realidade é que a origem da pontuação aconteceu depois que a escrita saiu da fase ideográfica e passou para a fase alfabética. Mesmo assim, apenas entre os séculos XIV e XVII os sinais de pontuação apareceram, sendo com a imprensa que eles se popularizaram, pois ajudavam na compreensão do texto. A partir da imprensa, uma classe de pessoas passa a ter acesso, então, à leitura, influenciando o espaço de material escrito e tornando a escrita um instrumento mais popular.

Considerando que mais pessoas estavam lendo, ocorre uma maior preocupação com as interpretações e com as ambiguidades advindas da escrita. Consequentemente, acontece uma padronização ortográfica, o que inclui o começo do padronizar a pontuação que persiste até hoje e pouco se atualiza. Assim sendo, é de grande importância trazer à luz discussões sobre o que é o ato de pontuar sob o viés de lentes teóricas e de discussões mais reflexivas a fim de dar maiores subsídios aos que ensinam, aprendem, enfim, aos utilizam os sinais de pontuação.

⁸Nina Catach era uma linguista francesa e historiadora linguística especializada na história da ortografia francesa.

2. DESATANDO OS NÓS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Partindo para autores com uma visão mais linguística da pontuação, trago Luft⁹ (1998) que, diferentemente de muitos gramáticos, atesta que não se pode associar o uso da vírgula, por exemplo, ao nível da audição. Nas suas palavras, “sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem, para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido” (LUFT, 1998: 7).

Indo ao encontro de Luft, Chacon (1998)¹⁰ analisa o ritmo da escrita a partir dos sinais de pontuação. Para o autor, as marcas do pontuar pertencem ao escrito e não ao oral. Sua afirmação se embasa no argumento de que a pontuação caracteriza marcas específicas da escrita não pela sua matéria gráfico-visual; mas porque somente nas práticas da linguagem que contam com a escrita é que os sinais aparecem.

Além da dimensão fônica, os sinais de pontuação têm natureza linguística também pela sua dimensão semântica, corrobora Chacon (1998). É assim que o autor defende que os sinais de pontuação são sinais linguísticos. Em uma ampla reflexão, as conclusões de Chacon (1998) acerca da questão do pontuar são as seguintes: o ritmo da escrita é percebido no contexto; a escrita e a oralidade são códigos semióticos diferentes e cada um possui seu próprio ritmo; o ritmo constrói o caráter simbólico da escrita através de elementos de várias dimensões da linguagem; e, por fim, o ritmo da escrita tem marcas, tais como os sinais de pontuação.

Com base nas considerações de Chacon (1998), é fácil perceber que há uma associação entre pontuação e oralidade nas mais populares Gramáticas Normativas. Essa associação parece vir do pressuposto de que a escrita, de modo geral, é uma transposição da fala. Portanto, os sinais de pontuação, que fazem parte da escrita, também serviriam apenas para transpor essa fala. Tratar a língua escrita como uma mera transposição da língua falada é, contudo, desvalorizar a escrita.

Meschonnic (1997)¹¹ chama de “imaginário respiratório” essa impressão de que a vírgula, por exemplo, é uma pausa oratória traduzida para a escrita. De acordo

⁹ Celso Pedro Luft foi um filólogo e gramático, especialista em filologia portuguesa pela Universidade de Coimbra e professor titular de língua portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Lourenço Chacon é autor do livro *O ritmo da escrita* (1998), escrito com base na Análise do Discurso. Atualmente, é professor efetivo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Linguística, desenvolvendo trabalhos sobre hesitações na fala infantil e sobre a relação entre fonologia e convenções ortográficas na aquisição da escrita.

¹¹ Henri Meschonnic foi um poeta, tradutor, linguista, teórico da poesia e da tradução francês. Professor de linguística e literatura em Paris VIII.

com o autor, trata-se de uma marca do ritmo do sujeito que escreve, da sua própria pausa. Não é uma pausa fisiológica, portanto, mas uma pausa imaginada, porque a pontuação, como diz Chacon (1998), pertence ao escrito e não ao oral.

A brevidade com que a pontuação é vista nas bibliografias aqui trazidas evidencia a necessidade de mais estudos sobre o seu poder de significação, pois elencar apenas um postulado de regras a esse universo é deixar de perceber a representação realista que tem a atividade da linguagem. Um exemplo que escapa à normatividade da pontuação é o título do famoso livro **Grande Sertão: Veredas**, de João Guimarães Rosa, publicado pela primeira vez em 1956. Analisando esse título com base na gramática de Cunha e Cintra (2007), os dois pontos depois da palavra “sertão” estariam anunciando o “veredas”.

Entretanto, especialistas da obra, como o crítico Paulo Rónai, acreditam que os dois pontos do título estão servindo como uma oposição, considerando que a definição de “sertão”, na maioria dos dicionários, é um local que costuma ser pouco habitado e vasto; enquanto “veredas” é definido como o plural de “vereda”, isto é, caminhos, atalhos, estradas. Assim, interpretando os valores socialmente dados para essas duas palavras, é possível imaginar uma oposição entre um obstáculo, visto que um sertão é um lugar de difícil vivência e o seu caminho. Nesse caso, os dois pontos estariam ali não no sentido de que “sertão” anuncia “veredas”, mas de que “sertão” se **opõe** a “veredas”.

Como não é possível mais recorrer ao criador da obra, não temos certeza exata de qual deve ser a interpretação para o título do livro, mas somos capazes de entender, com base nesse breve exemplo, que as Gramáticas Normativas não dão conta de justificar os sinais de pontuação de todas as escritas, porque a subjetividade faz parte da escrita e não há como normatizar o que é individual. Contudo, de modo algum se pretende, com essa reflexão, anular as orientações propostas pelas Gramáticas Normativas. O objetivo deste artigo é, na verdade, compreender que as concepções encontradas nessas gramáticas são apenas algumas das tantas possibilidades que os sinais de pontuação podem vir a ter, uma vez que a utilização desses sinais não advém apenas de uma instrumentalização de regras mecânicas da escrita. Dessa maneira, a proposta que rege este artigo é ampliar o olhar que se tem

para os sinais da pontuação os vendo a partir da Linguística da Enunciação¹² de Émile Benveniste¹³.

3. OS SINAIS DE PONTUAÇÃO A PARTIR DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE

A enunciação é, de acordo com os estudos de Benveniste, uma escolha de signos que, dentro de uma relação de elementos combinados, produz um significado na linguagem. Dessa maneira, o locutor, que é o “eu”, em um diálogo com o seu interlocutor, que é o “tu”, enuncia-se. Nas palavras do autor, “eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu” (BENVENISTE, 2005: 286). É Benveniste (2005) também quem diz que cada locutor, ao conseguir produzir sentido para o seu interlocutor, constitui-se como sujeito. E esse constituir-se pode acontecer tanto pela língua falada como pela língua escrita.

É necessário esclarecer que partir de uma concepção enunciativa baseada em Benveniste implica considerar o tempo, o espaço e os efeitos de sentido que o locutor produz. Transpondo isso para a escrita, Benveniste (2012) explica, em **A língua e a escrita**, que o ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, como diz Benveniste (2012: 132),

mas da linguagem interior, memorizada. A escrita é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior ou da ‘língua’ para assimilar o mecanismo da conversão em escrito.

A questão a qual o linguista procura esclarecer é que a escrita, embora possa servir também para representar a fala, é mais do que isso, pois existe em

¹² A Linguística da Enunciação tem uma unicidade referencial, de acordo com Flores (2005). É o campo que reúne diferentes teorias de enunciação. Ao falarmos de teorias da enunciação, cabe salientar que existe uma diversidade de teorias enunciativas, isto é, do estudo das marcas do sujeito no enunciado e não do próprio sujeito. Tal Linguística é tributária do sistema formulado por Ferdinand de Saussure, principalmente das reflexões do *Curso de Linguística Geral*, obra organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye. No entanto, a Linguística da Enunciação não é um campo que se resume ao *Curso*, “já que é responsável pela produção de um novo operador (e consequentemente de novos axiomas): a enunciação” (FLORES; NUNES, 2007: 201).

¹³ Émile Benveniste foi um linguista sírio-francês que ampliou os estudos de Ferdinand de Saussure a partir da Enunciação. No entanto, Benveniste nunca demonstrou o desejo de criar uma Teoria da Enunciação. Ainda assim, os pesquisadores da enunciação benvenistiana denominam as concepções do autor como parte de uma teoria.

concomitância com a fala.¹⁴ Sob o viés de Benveniste, Endruweit e Nunes (2013)¹⁵ refletem sobre o ensino da escrita. Para as autoras, a escrita traz um sujeito que escreve constitutivamente a partir de si, por isso, enuncia-se. Se há, nesse funcionamento da língua que o sujeito mobiliza, um remeter a si mesmo, logo, há um comprometimento maior entre sujeito e língua do que a Gramática Normativa é capaz de categorizar.

Na perspectiva enunciativa benvenistiana, a gramática da língua serve em função do sentido. Partindo para a reflexão acerca dos sinais de pontuação à luz dos estudos de Benveniste, as regras que regem o uso desses sinais também funcionam a serviço do sentido. Adotar essa ótica não faz com que pontuar perca sua função instrucional de separar, dividir, continuar, anunciar, entre suas outras tantas finalidades; porém, mostra o valor subjetivo que há na pontuação, pois salienta que é a partir da pontuação que o escritor é capaz de mudar todo o seu dizer, todo o seu enunciar. Além disso, ilustra que a pontuação é uma ferramenta capaz não só de indicar a interpretação, mas também de sinalizar ao leitor qual é o caminho que ele deve tomar.

No universo da pontuação, é importante saber que existe um conceito denominado pontuabilidade. De acordo com Bernardes (2002)¹⁶, a pontuabilidade é a possibilidade de um enunciado receber algum sinal de pontuação. Tratando-se de um enunciado, a pontuabilidade está nas possíveis escolhas de pontuar. Quando um texto ainda está apenas na pontuabilidade, estão abertas as escolhas de pontuação a serem feitas. Assim, a pontuabilidade é, basicamente, um ponto que espera por um ponto. A autora sintetiza (BERNARDES, 2002: 38):

O fato de um texto ser pontuável, ou seja, ser divisível em segmentos que se relacionam entre si, não depende de ele estar graficamente pontuado. No caso das escritas que são pontuadas, a pontuabilidade pode converter-se em várias pontuações possíveis, conjugando-se simultaneamente as potencialidades de articulação previstas pela língua em questão e as unidades que o sujeito esconde na cadeia sintagmática. Daí afirmarmos que a pontuação não realiza uma duplicação gráfica das segmentações previstas no funcionamento da língua, isto é, nada garante que ela venha a preencher este ou aquele espaço da cadeia; a unidade que o sujeito identifica como tal e assinala por meio da pontuação não necessariamente coincide com limites previamente estabelecidos.

¹⁴ Os estudos de Magali Lopes Endruweit, na sua tese “*A escrita enunciativa e os rastros da singularidade*”, de 2006, tratam minuciosamente de questões como essas.

¹⁵ O título do artigo é “*O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência?*”, de 2013, das autoras Magali Lopes Endruweit e Paula Nunes.

¹⁶ Ana Bernardes é autora da tese chamada “*Pontuando alguns intervalos da pontuação*”, de 2002, em que se debruça diretamente sobre o ato de pontuar.

Dito isso, há pontuabilidade nas frases em que ainda não sabemos quais pontos serão colocados. O que se sabe é que ela é possível de ser pontuada, por isso, contém pontuabilidade: o espaço em branco que espera por uma definição. Para Bernardes (2002), essa pontuabilidade é uma característica do funcionamento linguístico e dos sistemas de escrita, porque há uma articulação entre os elementos linguísticos, e tal articulação produz relações; logo, “é possível identificarmos algo que faz texto porque a língua não está ali à deriva, num fluxo incessante” (BERNARDES, 2002: 141).

Vinculo aqui a sistematização de Bernardes (2002) com a visão de Benveniste (2005) sobre o que é a enunciação, porque interessa a relação de que a pontuabilidade cabe na normatividade da língua, mas a pontuação, subjetiva a cada sujeito, é sempre única; assim, não cabe em tal normatividade. Uma prova disso é o fato de que, em um contexto de ensino tradicional de escrita, mesmo se tratando de um adulto letrado, não é raro encontrar uma escrita com encadeamentos complexos em que não somos capazes de afirmar qual sinal se faz o mais correto. Um ponto, uma vírgula, uma mudança de parágrafo, um colocar de reticências: apenas o autor é capaz de responder isso com convicção – embora nem sempre o próprio autor tenha domínio do uso da pontuação para responder. Distancio-me desse grupo de escritores quando afirmo que a escolha do pontuar é subjetiva, pois me aproximo daqueles que dominam os sentidos dos sinais de pontuação para assim se marcarem na língua escrita.

Recorrendo às postulações de Bernardes, a autora salienta que “a pontuabilidade pode se converter em várias pontuações possíveis” (2002: 39); portanto, é evidente que essas várias pontuações possíveis nada mais são do que as escolhas que retratam uma singularidade na escrita. E, se em toda escrita existe o uso da pontuação, então há também uma singularidade quando se opta por determinado sinal e não outro. Há, então, uma singularidade que é própria da pontuação.

4. ANÁLISE ENUNCIATIVA DA PONTUAÇÃO

No mundo da pontuação, a vírgula é como um quebra-molas. Quem diz isso é Lukeman (2011), que salienta a capacidade da vírgula de controlar o fluxo de uma frase, dentre suas tantas funções interpretantes. Em contrapartida, o ponto e vírgula não tem tantas funções assim, sendo chamado pelo autor de “uma ponte entre dois

mundos” (LUKEMAN, 2011: 59). O uso dos dois pontos tem, para Lukeman (2011), a capacidade de realçar uma palavra ou frase, revelando o que vem pela frente. Por fim, quanto ao uso do ponto final, temos o sinal de parar, pois “sua presença divide, sua ausência conecta” (LUKEMAN, 2011:17), sendo um ponto poderoso, pois todos os outros sinais de pontuação existem quase sempre entre dois pontos finais.

As ideias de Lukeman (2011) não partem de uma visão enunciativa, mas poderiam, porque seguem princípios regidos pelo sentido. Entretanto, no intuito de exemplificar como pode vir a ser um olhar enunciativo para a pontuação, analiso agora uma redação feita por uma estudante pré-universitária inserida no contexto de curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a partir do tema “Desafio para a formação educacional de surdos no Brasil”. Em vista da ênfase que quero dar à pontuação, outros fatores textuais não serão levados em conta nesta análise. Além disso, em função dos diversificados sinais de pontuação existentes, focarei esta análise em quatro sinais de pontuação especificamente: a vírgula; o ponto e vírgula; os dois pontos e o ponto final.

01 O tema da campanha da fraternidade desse ano é: “Fraternidade e políticas
02 públicas”. Tendo em vista isso, o Brasil não é um país com muitas políticas
03 públicas para as minorias, ainda mais se tratando de pessoas com problemas
04 auditivos. Segundo o portal de educação. Sendo assim, quais são os porquês
05 para isso ocorrer em um país como o nosso.
06 Qualquer problema tem a sua raiz: o da inclusão de minorias começa
07 quando crianças, entre elas, xingam o “amigo” surdo. E o problema vai
08 crescendo até que quando esta pessoa vai procurar algum trabalho,
09 normalmente, não acha; ou melhor, se acha, não é contratada. Situações como
10 essas não são e não podem ser toleráveis. Isso ocorre pelo fato da hierarquia
11 grega pois quando crianças nasciam com problemas assim na época os reis
12 mandavam matar. O Brasil não está longe desse retrocesso.
13 Portanto, é de cabimento do Ministério da Educação colocar no componente
14 curricular, libras para que todos saibam se comunicar com todos. Ao Ministério
15 do Trabalho, oferecer um leve benefício às empresas que contratarem pessoas
16 com problemas auditivos. Evoluindo assim o campo de políticas públicas.

Quadro 1: Rascunho do texto.

Fonte: Elaborado pela participante da pesquisa e transcrito pela autora.

Percebe-se, já na introdução, que o uso do ponto na linha 04, entre as palavras “auditivos” e “Segundo” é significativo, pois alteraria todo o sentido caso ali houvesse uma ausência de sinal de pontuação ou o uso de qualquer outro sinal de pontuação, posto que a presença do ponto entre essas duas palavras, em vez de uma vírgula ou ponto e vírgula, faz com que a informação dada não seja mais atrelada ao portal da educação. Assim, a frase “Segundo o portal de educação” fica totalmente solta,

realçando uma possível intenção da autora da redação de falar algo que parte do portal de educação, mas a autora parece optar por fazer uma espécie de suspense disso.

Há, ainda, a possibilidade de a autora não perceber as diferenças entre o uso da vírgula e do ponto nesse enunciado, demonstrando que, talvez, não seja intencional o modo como a frase foi pontuada. Nesse caso, a escolha do uso feita pela autora não cabe facilmente nas justificativas aqui refletidas, porque demonstram, antes de quaisquer interpretações, uma falta de habilidade com o manuseio dos sinais que pontuam uma escrita.

Outro uso que chama a atenção nesse trecho é a utilização do ponto final depois de “nosso”, linha 04, quando a expressão “quais são os porquês” indica um sentido de pergunta, mas que se perde pela falta de um ponto de interrogação. Mais uma vez, não fica claro se tais sinais foram propositalmente escolhidos pela autora, pois tais escolhas parecem indicar também uma falta de clareza quanto ao sentido de seu discurso e, conseqüentemente, quanto ao modo de pontuá-lo; de qualquer maneira, até mesmo essa falta de clareza, que abrange questões textuais de outros tipos, indica o pouco estudo ainda hoje lançado ao tema da pontuação.

No parágrafo seguinte, a marca dos dois pontos depois de “raiz”, linha 06, mostra que, para a autora da redação, o que as crianças fazem caracteriza um problema desde a origem. Sua intenção parece ser a de utilizar os dois pontos não para uma lista do que virá, e sim para esclarecer uma noção que foi dita e que carece de maior explicação. Ainda nesse parágrafo, é interessante perceber a marca do ponto e vírgula cumprindo o papel encontrado em muitas gramáticas: sendo mais que uma vírgula e menos que um ponto. No caso dessa frase, na linha 09, em que se encontra o ponto e vírgula, tal sinal de pontuação está sendo utilizado exatamente como as gramáticas indicam, dando um sentido de que o ritmo da frase deve ser moderado ao chegar no ponto e vírgula. Isso reforça a concepção de que as orientações expostas nas obras de Gramática Normativa não devem ser ignoradas, mas adaptadas à individualidade daquele que escreve.

A última frase desse parágrafo, localizada na linha 12, caracteriza o Brasil como diante desse retrocesso em uma sintaxe curta, direta e que logo se encarrega de apresentar um ponto final, o que parece transmitir um estilo de escrita de uma autora que quer enunciar de modo direto o que pensa, sem rodeios, sem muitas vírgulas. É, inclusive, referindo-me às vírgulas que encerro esta pequena análise. No último

parágrafo, há um uso da vírgula que mudaria completamente o sentido da frase caso ela não estivesse ali. Na linha 14, a vírgula entre “curricular” e “libras” faz com que não saibamos o que deve ser posto no componente curricular, uma vez que a língua “libras” parece significar apenas um ideal à parte para que todos possam se comunicar.

É possível perceber, ao longo desta análise, que a presença do conceito de pontuabilidade, discutido na seção anterior, já esteve nos enunciados desta redação, mas a própria pontuabilidade não está mais presente na redação apresentada. Isso acontece porque cada escolha de sinal de pontuação feita pela autora da redação analisada “encerra” uma pontuabilidade, isto é, uma possibilidade de pontuação, posto que a pontuabilidade é a capacidade de um enunciado ser pontuado antes que esse enunciado receba um sinal de pontuação. Portanto, quando um enunciado passa a ser pontuado, ele não espera mais por um ponto, logo, encerra-se ali a sua pontuabilidade, na medida em que a pontuação aparece. A pontuabilidade, então, surge a partir da existência da pontuação, mas também desaparece quando a pontuação toma o seu lugar no texto.

Faz-se necessário esclarecer também que, obviamente, nem todos que utilizam os sinais de pontuação pontuam cientes da responsabilidade que o exercício demanda, visto que há diversos autores que escrevem ainda com pouca prática tanto de como escrever quanto de como pontuar – comumente, autores com pouca prática da pontuação são encontrados exatamente no contexto em que o exemplo desta análise foi retirado, isto é, no contexto de um curso preparatório para o vestibular. No entanto, a discussão que estabeleço quanto às escolhas dos sinais de pontuação se direciona particularmente aos autores que compreendem plenamente o manuseio desses sinais e que, apesar disso, mostram marcas de subjetividade nas suas escolhas pontuais. Marcas, porque, embora o autor esteja utilizando formas que são iguais a todos, ele se enuncia, ainda assim, sempre singularmente; por isso, seus usos são também sempre singulares.

Um olhar enunciativo aos sinais de pontuação não impõe de que modo devem estar todos esses sinais, porque leva em conta, primeiramente, o sentido atribuído às frases já construídas, enunciadas. Assim, são dadas ao autor outras possibilidades de produzir sentido, que estariam disponíveis caso, em outros lugares, estivessem tais pontos, e é responsabilidade desse autor decidir qual sentido terá o seu próprio

enunciado. Flores (2010)¹⁷ menciona que a enunciação “não é um nível de análise, mas um ponto de vista – o do sentido – sobre os níveis. A enunciação é transversal à língua, ela não se encerra em um único compartimento, ela está em todos os níveis” (2010: 46). Com base nisso, tratar o pontuar como marca da enunciação é apenas uma questão de entender esse ponto de vista que está em todos os níveis, bem como entender a subjetividade da qual a língua é feita.

5. MARCAS ENUNCIATIVAS DA PONTUAÇÃO

Ainda que os sinais de pontuação sejam vistos, nas demais áreas de estudo, como um mero auxílio para a leitura de um texto, na enunciação, essa característica deixa de ser um auxílio; torna-se o ajuste de olhar que se tem para, antes de tudo, atribuir sentido à escrita. Isso faz dos sinais de pontuação um sistema de caráter duplo, porque, por um lado, os sinais de pontuação servem de instrumento para organizar um texto; por outro, também servem como marcas de escolhas singulares.

Chacon (1998) ressalta a questão de como os fluxos de consciência são tratados na escrita. Os fluxos de consciência costumam ser escritos sem a pontuação, para que corram como o fluxo que são e também porque, muitas vezes, um fluxo de consciência demanda uma pressa na qual o autor não se permite parar para pontuar. Contudo, Bernardes (2002) salienta que, mesmo nesses fluxos de consciência, há pontuabilidade, já que é possível identificar “até na ausência de espaço entre as palavras, um encadeamento de elementos linguísticos que se relacionam entre si” (2002: 11). Isso nos leva a pensar que, ao inserir a pontuação em um fluxo de consciência, é também inserido o desejo do outro para a sua escrita: agora a escrita pode, então, ser entendida do modo como o autor quis que fosse ao pontuar daquele jeito e não de outro.

Nas palavras de Chacon (1998), “o próprio fato de se pontuar já é a marca mais flagrante da presença do interlocutor na produção textual: pontua-se para alguém, pontua-se com a expectativa da leitura, com a expectativa de se fazer entender” (1998: 126). E é exatamente pelas marcas da subjetividade de quem escreve e de quem pontua que se alcança a organização do sentido daquilo que é escrito. Há um

¹⁷ Valdir do Nascimento Flores é professor titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), autor de diversos livros acerca dos estudos de Émile Benveniste, entre outros.

recorte nos caminhos da leitura de um texto que estão enlaçados com o sujeito que corta. Recorta, escreve, lê e, não menos importante, pontua.

Saussure (2012)¹⁸ afirma que as palavras devem ser combinadas para que constituam sintagmas. De modo horizontal, portanto, o eixo sintagmático de um enunciado é representado pelas relações presentes entre as palavras. Verticalmente, porém, está o eixo associativo. Esse último eixo está em ausência e só funciona pela substituição de uma palavra por outra. O eixo associativo, ao contrário do eixo sintagmático, não é linear, mas corre em todas as direções. Os eixos nos mostram claramente que, na realidade, existe um movimento de negociação da língua. O que há em torno da palavra, sintagmaticamente, é o contexto; o que há em torno da palavra associativamente “não está em nenhum contexto, vem da consciência” (DEPECKER, 2012: 126)¹⁹.

Entendemos, assim, que há um funcionamento linguístico em que o sujeito tem de se submeter. Nessa submissão, acredito que seja no cruzamento entre esses eixos, sintagmático e paradigmático, que a enunciação –falada ou escrita– ocorra, e que seja também nesse cruzamento que esteja a pontuação. Tal cruzamento nada mais é do que a “transversalidade” de que chama Flores (2010). A pontuação, dentro do sintagma e do paradigma, está presente pela escolha visível no eixo sintagmático e pela possibilidade substituta, porém diferente de pontuação ausente na invisibilidade do eixo associativo.

Pontuar é, então, como diz Bernardes (2005), paradoxalmente, produzir descontinuidade e continuidade. “Ao se inserir graficamente na cadeia sintagmática, a pontuação opera cortes e assim, rompe a continuidade de uma justaposição interminável de termos; sua inserção gera pedaços, porções de texto” (BERNARDES, 2005: 111). Não é possível, portanto, escapar da imprevisibilidade. Entretanto, os estudos convencionais de pontuação buscam modalizar esses efeitos de sentido que a pontuação é capaz de produzir ainda que a pontuação escape à regulamentação, porque a língua sempre mostra uma forma pela qual a regularidade não dá conta de enquadrá-la.

Chegamos ao consenso de que pontuar é um ato que caracteriza cada sujeito em sua escrita. Do mesmo modo que a materialidade busca padronizar o sistema de

¹⁸ Linguista natural de Genebra, reconhecido pela publicação de sua obra póstuma, Ferdinand de Saussure é considerado o pai da linguística moderna.

¹⁹ Loïc Depecker é um linguista francês, foi professor na Universidade de Paris III e é especializado em terminologia e lexicografia.

uma língua dentro dos moldes que regem o que pode ser falado e escrito, há também um padrão estabelecido de como se deve usar a pontuação, excluindo dela a subjetividade de quem pontua. Endruweit e Nunes (2013) dizem que, na escrita, “materialidade e abstração, assim, quase que paradoxalmente, coexistem”, mas os gramáticos parecem não aceitar essa abstração, que só está na escrita porque é característica da língua, e distanciam das suas análises o que é imaterial no pontuar, focando apenas na materialidade.

Tentar controlar a pontuação, no entanto, é fechar as portas sem fechar as janelas: a subjetividade expressa nos sinais de pontuação acaba encontrando brechas a cada exceção que não tem como ser explicada a partir de um rótulo pronto para uso de uma vírgula ou a cada vez que é necessário colocar na conta do estilo²⁰ quase tudo o que escapa da regularidade. Utilizo a expressão “quase tudo” porque não há como justificar enquanto estilo as escolhas de pontuação daqueles que ainda não têm domínio de tais exercícios, daqueles que não fazem uma escolha consciente de uma vírgula ou de um ponto e vírgula porque não manuseiam regularmente a prática do pontuar.

O que o estilo, para aqueles que sabem a responsabilidade do pontuar, revela “é a forma como o sujeito realiza esses contornos, ou seja, sua escrita traz a marca deste percurso da lida com a linguagem” (BERNARDES, 2002: 86). Nesse sentido, a autora complementa que “o estilo não é algo restrito às produções literárias” (2002: 86), mas que pode estar presente em qualquer texto. Assim, pelas janelas abertas, os sinais de pontuação encontram outra possibilidade de sentido e mostram o potencial que a linguagem tem de significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões trazidas aqui são apenas uma das tantas portas de entrada para se pensar o que é esse vasto lugar da pontuação, pois, ao longo desta escrita, vimos que pontuar é um assunto muito amplo. Nesse raciocínio, parece até mesmo um paradoxo perceber que um tema tão vasto como o da pontuação seja posto em regras de uso tão contidas, de acordo com as postulações que muitos gramáticos tentam estipular – algumas delas aqui exemplificadas.

²⁰ O estilo, no sentido que é tratado neste texto, associa-se com o ser reconhecido como marca pessoal na escrita, uma originalidade, uma autenticidade do escritor.

A pontuação, sendo um mecanismo de interpretação do texto, mostra que, ao pontuar, o autor deixa uma inscrição, deixa uma presença, marca-se na sua subjetividade. Pontuar faz parte das escolhas do autor quando o mesmo se insere na escrita e, por isso, pontuar diz também sobre a inserção singular de cada um na linguagem.

Falando, lendo ou escrevendo, sabemos que estamos fazendo mais do que apenas um envolvimento com a gramática de uma língua. Quando pontuamos também. O nosso envolvimento com a língua está muito além do que as estruturas podem definir e cabe aqui concluir que o intuito, ao aproximar às Gramáticas Normativas ao uso da pontuação como marca enunciativa, foi deixar de priorizar a gramática por si só para considerar as instâncias discursivas desse estudo, visto que continua havendo uma exercitação de metalinguagem na Gramática Normativa e também no estudo da escrita.

Assim como a escrita, de maneira geral, a pontuação ainda é vista como um fim em si mesma, sem a devida reflexão sobre as escolhas feitas por quem pontua. Entretanto, a pontuação, tanto nas gramáticas como também fora delas, precisa ser vista como uma marca de cada sujeito em sua escrita – escrita essa que **sempre** tem marcas.

Compreendo também que, ao longo da história, a pontuação surgiu como uma forma de conter a multiplicidade de interpretações de um texto, mas isso não significa que cada sinal de pontuação deva obedecer apenas a um determinado caminho. A realidade é que a pontuação assumiu um papel de grande importância dentro da escrita, porque contém determinadas interpretações. Mesmo assim, embora a pontuação produza uma configuração textual capaz de apontar estradas de compreensão, isso não a limita a ser apenas uma via dessa estrada: sempre há a possibilidade de essa mesma pontuação estar sendo outro caminho, isto é, não há como limitar os efeitos de sentido que podem ser provocados no leitor.

Estudar a língua em uso é perceber que a categorização, junto da reflexividade, quando voltadas à pontuação, formam um nó bem amarrado, em que ambas – categorização e reflexividade – dependem uma da outra para que continuem sendo o laço que nos leva a escrever e ler um bom texto. E o ponto que escolho colocar a seguir não significa um ponto final para esta discussão.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jeronymo. *Grammatica philosophica da língua portuguesa*. Lisboa: Tipographia da Academia Real das Sciencias, 1875.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, 2000.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005a.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Últimas Aulas no Collège de France*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BERNARDES, Ana Cristina de Aguiar. Pontuando alguns intervalos da pontuação. *Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem*: Unicamp, 2002.
- BERNARDES, Ana Cristina de Aguiar. Algumas considerações sobre o tema da pontuação na escrita inicial. *Cadernos de estudos lingüísticos*, n. X, 2005.
- CATACH, Nina. *La ponctuation*. Paris: Language Française 45, 1980.
- CHACON, Lourenço. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1980.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência? *Revista Calidoscópico*, n. 2, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, Elisa; COLLISCHONN, Gisela. *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: Editora Palotti, 2010.
- FLORES, Valdir do Nascimento. NUNES, Paula. Linguística da Enunciação: Uma Herança Saussuriana? *Revista Organon*, n. 43, 2007.
- LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 1997.
- LUKEMAN, Noah. *A arte da pontuação*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MESCHONNIC, Henri. *Pour une poétique de la ponctuation*. Paris: Verdier, 1997.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

Recebido no dia 04 de dezembro de 2019.
Aprovado no dia 10 de março de 2020.